



Algumas pombas mortas, outras debatendo-se para fugir, evidenciam um cenário entre o macabro e o caótico em toda a extensão do último andar

Um estudo melhor detalhado dessa importância histórica, desenvolvido por uma comissão extra formada pelas secretarias municipais de Planejamento, Urbanismo, Cultura, além da UCS, OAB e Associação de Engenheiros, Arquitetos, Agrônomos, Químicos e Geólogos de Caxias (SEAAQ), foi encaminhado ao arquiteto Celestino Rossi. Divergências internas nesse processo, como a exclusão de representantes da cultura e da OAB em uma das reuniões da comissão, porém, estão atrasando a segunda etapa.

– Somente algumas pessoas não podem representar uma comissão inteira – justificou a presidente Karin na manhã de quarta-feira, quando o Compahc realizou sua reunião mensal.

Bordas e miolo – O diretor executivo da Somma Incorporadora, João Luiz Michelin, é bem mais objetivo. Segundo ele, tudo o que mexe com a memória coletiva da cidade, ou seja, o que as pessoas enxergam do lado de fora do Eberle, será mantido. Entram aí a fachada pela Sinimbu e o entorno até a Rua Os 18 do Forte, além da parte interna que faz vizinhança com a Garagem Alfa, na Rua Marquês do Herval.

– A proposta é preservar 100% da área visível e 70% da área construída – afirma Michelin.

Traduzindo, ficariam os prédios de borda, sairia o miolo. Segundo Rossi, os cerca de 3 mil metros quadrados da área interna, onde estão o pátio, parte do estacionamento e diversos outros prédios menores, construídos à medida em que as demandas da metalúrgica aumentavam, seriam suprimidos. O espaço daria lugar a uma grande área de convivência e circulação de pessoas, com diversas opções em lojas e serviços. Tudo isso até a altura onde hoje enxerga-se o telhado da garagem da Borges.

– Os veículos ficariam em um prédio a ser erguido acima desse nível – diz Rossi.

Os estudos desenvolvidos pela equipe contemplariam ainda a demolição de uma estrutura de dois andares localizada poucos metros antes da Borges, pela Sinimbu, ao lado da loja Estação dos Brinquedos. O espaço, onde funcionava parte do varejo do Eberle, foi construído posteriormente ao prédio original e, conforme Rossi, não possui valor histórico, sendo passível de demolição. Trabalhando com os conceitos do retrofit, quando intervenções modernas dividem espaço e dialogam com estruturas históricas, trazendo-as para as necessidades atuais, o arquiteto planeja o que, à primeira vista, pode chocar os mais puristas. Nesse espaço seria erguido um novo prédio comercial, dotado de estrutura em vidro espelhado e metal.

– Ele se manteria na mesma altura do relógio, a 40 metros, respeitando o nível da construção original – detalha Rossi.

Todas essas intervenções se aproximariam do que foi feito, por exemplo, no Shopping Total, em Porto Alegre. A sede da antiga Cervejaria Brahma, na Avenida Cristóvão Colombo, foi tombada em 1999 e, desde 2003, é ocupada por um moderno shopping center. Além dos espaços

dedicados ao comércio direto, o complexo datado de 1911 contemplou ainda diversos ambientes focados em cultura e lazer, transformando-se em um dos marcos arquitetônicos mais importantes da cidade.

O que em Caxias, guardadas as devidas proporções, pode ser observado no Moinho da Estação. Além da readaptação da construção original junto aos trilhos, um moderno prédio de escritórios e salas comerciais foi erguido ao lado dos antigos silos, sem comprometer o contexto histórico.

Bens culturais – Enquanto o Compahc analisa as possíveis intervenções, já há prazo acordado para que a Estação dos Brinquedos, a Faculdade de Inovação (FAI) e o estacionamento deixem o prédio. Os donos não divulgaram datas, apenas que a desocupação pode ser estendida, dependendo das negociações. Dos três, a FAI foi a que mais interferiu no prédio. A direção fez reformas nos dois primeiros andares, ocupados desde 2008. Os dois pavimentos, mais parte do pátio interno, abrigam a diretoria, secretaria, biblioteca e as salas de aula dos cursos oferecidos pela instituição.

Entre eles está o Programa de Pós-Graduação em Bens Culturais. Foi a partir dele que surgiu o projeto *A Honra do Trabalho*, iniciativa de um grupo multidisciplinar formado durante os estudos. Do projeto resultou também um documentário homônimo, que resgatou a memória do trabalho desenvolvido durante décadas no próprio prédio das aulas. Através do testemunho de ex-funcionários da empresa, o grupo mostrou como os bens materiais e imateriais produzidos pela indústria foram importantes para se entender, não só a dinâmica da produção material, mas as relações históricas e sociais que se desenvolveram em torno dela.

– Os bens culturais já não podem ser valorados apenas sob o ponto de vista do valor arquitetônico. Mas sim pelo significado que a comunidade lhe atribui, se fez parte da construção de sua identidade – analisa a arquiteta Ana Lia Branchi, uma das integrantes do grupo.

Pode-se dizer que a identificação das pessoas com o Eberle até hoje está relacionada, entre outros fatores, com as práticas que valorizavam os trabalhadores. Para muitos, a empresa era uma espécie de segunda casa, o reflexo de uma família, de sua própria ascensão. Conforme a jornalista e escritora Heloisa Mezzalira, autora do livro *Memórias de Caxias do Sul pelo Viés do Patrimônio Tombado*, a administração do Eberle era marcada também pela formação de mão de obra, pela proximidade com os operários e por uma política empresarial que promovia o progresso individual, por meio de cursos de aperfeiçoamento, abonos, empréstimos e até mesmo a participação nos lucros.

– Muitos dos empregados também fundaram empresas, a partir de pequenas oficinas caseiras instaladas nos porões de suas casas, para prestar serviços à

Parabéns, Caxias do Sul, por seus 123 anos.
A Lojas Volpato tem muito orgulho de estar aqui.

VOLPATO BOM BONITO BARATO